Humberto de Campos: Um perfil do vendedor de miolos da cabeça[1]

Roberta SCHEIBE[2]

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

RESUMO

Este artigo traça um perfil do escritor, jornalista e cronista Humberto de Campos. Através de pesquisa bibliográfica qualitativa, este trabalho tem o objetivo de realizar um resgate histórico da vida do autor – e brevemente de sua obra - que contribuiu com o jornalismo e a literatura brasileira. É necessário enfatizar que há um escasso material teórico sobre a sua existência. Portanto, o presente estudo quer contribuir com a memória de Humberto de Campos e com a história do jornalismo – e da crônica – nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Humberto de Campos; perfil; cronista

> *"A crítica não me conhece [...] Os homens de letras não me lêem. As classes illustradas ignoram a minha passagem pela terra. Os jornaes não têm o meu retrato nos seus archivos. Mas, como eu me sinto pago de todos os tormentos da vida quando recebo essas cartas que diariamente me chegam, assinadas com os nomes mais absurdos e vagos, mas que me dão a certeza de que eu penetrei em uma casa pobre, na intimidade de um coração dolorido, e alegrei um triste e confortei um desesperado, e fui, como um sacerdote cego que visita seus paroquianos sem os conhecer, o amigo manso e caridoso daquele que não tem amigo! A minha collecção de cartas alheias, que eu guardo como os escriptores guardam os artigos que lhes citam o nome, constituem o índice da minha possível utilidade entre os simples. Gemem, ou gritam, nelas surdamente, todas as angústias humanas, todos os órphãos da vida a que eu levei um conforto, e todos os desesperados a que eu levei a extrema-uncção de uma esperança. As palavras de gratidão desses mártyres são as moedas do meu cofre. E eu guardo esse thesouro de lágrimas como um usurário Grandet guardava o seu ouro"*[3]
>
> Humberto de Campos

[1] Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Jornalista, Mestre em Letras – Estudos Literários e doutoranda em Sociologia pelo Dinter Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É professora Assistente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: roberta.scheibe@unifap.br e robertascheibe@gmail.com.

[3] Neste trabalho, optou-se por transcrever os textos sem efetuar a atualização ortográfica.

Humberto de Campos Veras foi jornalista, cronista, poeta, ensaísta e crítico no Brasil do início do século XX e obteve grande reconhecimento do público no período em que viveu. O autor fez parte, inclusive, da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira de n. 20, eleito em 30 de outubro de 1919, sucedendo a Emílio de Meneses. Campos foi recebido para tomar posse no dia 08 de Mao de 1920, pelo acadêmico Luís Murat.

Mesmo tendo sido eleito na ABL, Campos sempre reclamou, em seus textos, da falta de reconhecimento para com sua obra, comparada com outros autores da época, como Machado de Assis e José de Alencar:

> Fique, pois, você, incumbida de uma piedosa missão, que será o prêmio de minha vida, conferido depois da morte: quando eu partir deste planeta inhóspito, espalhe entre os proletários do seu bairro o meu nome, acrescentando, num ato de justiça:
> — Era dos nossos, coitado! Apenas, não fez nada por nós nem por si mesmo, porque passou a vida a insistir no comércio mais idiota deste mundo: vendia miolo da cabeça para comprar miolo do pão. (CAMPOS, apud FERREIRA 1990, p. 02)

Humberto de Campos nasceu em Miritiba, no Maranhão, no dia 25 de outubro de 1886. Hoje a cidade natal o homenageia com o seu nome. O autor é filho de Joaquim Gomes de Faria Veras, pequeno comerciante, e de Ana de Campos Veras. Aos seis anos perdeu o pai e foi levado para viver em São Luis, no Maranhão. Mais tarde, aos 17 anos, mudou-se para o estado do Pará. Foi neste local que descobriu a sua veia de cronista. O autor iniciou a sua vida jornalística na *Folha do Norte*, percorrendo inúmeros periódicos, sempre escrevendo os mais variados gêneros textuais; no entanto, dedicava-se mais – ou recebia maior reconhecimento – ao praticar a crônica.

Publicou seu primeiro livro de poesia, *Poeira*, em 1911. Em 1912, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou seus trabalhos no jornalismo carioca no jornal *O Imparcial*.

> Nesse período eram colegas de Humberto de Campos alguns escritores que, posteriormente, tornaram-se ilustres: Goulart de Andrade, Rui Barbosa, José Veríssimo, Júlia Lopes de Almeida, Salvador de Mendonça e Vicente de Carvalho. João Ribeiro era o crítico literário do jornal. Na época, José Eduardo de Macedo Soares também escrevia incentivando a agitação da segunda campanha civilista, movimento ao qual Campos viria a aderir. (SCHEIBE, 2008, p.36)

Em meio às agitações políticas, em 1917 Campos escreveu a segunda série do livro de poesia intitulado *Poeira*. Em 1918, o escritor lançou *Da seara do Booz*, volume de crônicas, e, em 1919, *Vale de Josaphat*, coletânea de contos humorísticos.

Não satisfeito com a promissora carreira de jornalista e escritor, em 1920 foi eleito Deputado Federal pelo Maranhão, e, neste mesmo período, escreveu o livro de contos humorísticos *Tonel de Diógenes* e lançou *Mealheiro de Agripa*, obra de comentários políticos e literários. Em 1921, sob o pseudônimo de Conselheiro XX, escreveu uma de suas célebres obras, *A serpente de bronze*, coletânea de crônicas e contos. Conselheiro XX foi um famoso pseudônimo que o autor teve. Campos se usava do Conselheiro XX para emitir duras críticas à sociedade carioca. Inclusive as famílias tradicionais não permitiam que suas filhas fizessem a leitura deste autor (SCHEIBE, 2008, p.54). O escritor também usava outros pseudônimos, menos famosos, entre os quais, Almirante Justino Ribas, Luís Phoca, João Caetano, Giovani Morelli, Batu-Allah, Micromegas e Hélios.

O autor produziu muitos livros em pouco tempo:

> Em 1923, enquanto escrevia a crítica *Carvalhos e roseiras*, o autor substituiu Múcio Leão na coluna de crítica do jornal *Correio da Manhã*. Antes da Revolução de 1930, Campos escreveu o livro de contos *A bacia de Pilatos*, ainda em 1923. No ano seguinte, escreveu *A funda de Davi*, contos humorísticos; e, em 1925, *Pombos de Maomé* e *Grãos de mostarda*, ambos livros de contos humorísticos. No ano de 1926, publicou *Antologia dos humoristas galantes* e *O arco de esopo*, dois livros de contos. Em 1927, lançou *Alcova e salão*, obra de contos; e, em 1928, o livro de anedotas *O Brasil anedótico*. Nesse mesmo ano, publicou a *Antologia da Academia Brasileira de Letras*, com pesquisas históricas e literárias. (SCHEIBE, 2008, p.38)

Durante a Revolução de 1930, o Congresso foi dissolvido e Campos perdeu o mandato. Mas o autor tinha como seu grande admirador Getúlio Vargas, que lhe deu o posto de inspetor de ensino e diretor da Casa de Rui Barbosa. Em 1931, viajou ao Prata em missão cultural. Mais livros foram escritos depois: Em 1932 escreveu *O monstro e outros contos* e, em 1933, lançou *Memórias 1886-1900* e *Crítica*, primeiro livro da série que teria mais três volumes, estes lançados em 1935 e 1936. Esta série era constituída de textos cuja temática era a crítica social. Em 1933 publicou *Os países*, livro de contos; *Poesias completas;* e *Histórias infantis*, com histórias para as crianças. Em 1934, escreveu seus

últimos livros: *sombra das tamareiras*, reunião de contos; e *Sombras que sofrem*, volume de crônicas.

A teórica Nélia do Nascimento Ferreira afirma que a vida de Campos era uma "peregrinação melancólica" (FERREIRA, 1990, p. 30). Referindo-se a esse estilo de vida, o próprio Humberto de Campos confessa, em um de seus textos:

> Trabalhei sempre, escrevi sempre, e não cessei de prover, com os recursos da minha pena, as necessidades da minha casa. Retirei os meus filhos do colégio, a menina com quinze, o menino com treze anos, atirando-os ao trabalho, de modo a prepará-los para o momento em que lhes faltasse o meu braço. Mas, não desanimei nunca. Uma alegria diabólica me enchia o coração toda a vez que, numa crise mais violenta, vencia a morte, que rondava a minha porta. Raro era o dia, por isso, em que não aparecia, na imprensa, o meu artigo alegre. A ironia das minhas crônicas era, quase, o esgar da caveira que fazia sorrir aos que tinham carne nas faces. (CAMPOS apud PICANÇO, 1937, p. 287)

Humberto de Campos escreveu textos para os jornais cariocas *O jornal*, *Gazeta de Notícias*, *O Imparcial* e *Correio da Manhã*. Em São Paulo trabalhou no *São Paulo Jornal*, *Correio Paulistano* e *A Gazeta*; na Bahia, no jornal *A Tarde*; no Recife, no *Jornal do Recife;* e, em Porto Alegre, no *Diário de Notícias*. No livro *Diário secreto* Campos afirma que escrevia todos os dias para alguns jornais:

> Um artigo, diário, assinado, para *O Jornal*; um outro, anônimo, igualmente diário, sobre comunismo, para a mesma folha; ainda, todos os dias, para o *Diário da Noite*; três páginas por semana, para o jornalzinho humorístico *Não pode!*; anúncios comerciais para *A Capital*; e, a cada noite, 400 vocábulos para o *Vocabulário Ortográfico da Academia.* (CAMPOS, 1954, p. 162)

Campos tinha uma vida jornalística ativa. Também colaborava na revista *O Cruzeiro*, no semanário *Dom Quixote* e na revista *A Maçã*. Inclusive os textos veiculados nesta última publicação aborreceram alguns jornalistas, entre eles Carlos de Laet, Eloy Pontes e Jackson de Figueiredo, que se tornaram seus desafetos. Como a participação em *A Maçã* não deu certo, Campos dedicou-se quase que por completo às suas crônicas publicadas nos mais diversos veículos. Nos idos da Revolução de 1930, Campos era o escritor mais lido no Brasil, segundo uma enquete realizada pela imprensa de São Paulo

(REIS; CARVALHO; SOUZA; 1986, p. 44). Na época, o cronista escrevia diariamente a coluna *Diário secreto*, que, posteriormente, foi editada em livro.

O escritor Carlos Heitor Cony também confirma a popularidade de Humberto de Campos:

> Eu considero o melhor cronista brasileiro o Humberto de Campos, que hoje está completamente esquecido; porque ficou faltando na obra do Campos um romance, uma obra não subordinada ao tempo. Quando o Humberto de Campos morreu, em 1934, eu era criança, e o comércio do Rio de Janeiro fechou as portas. Era luto nacional que ninguém decretou. Isso porque todo mundo lia Humberto de Campos. Ele morreu cedo, com 48 anos, numa operação. Foi uma comoção. Ninguém chegou à popularidade de Humberto de Campos. A melhor crônica dele chama-se "Um amigo de infância". É a mais bonita da literatura brasileira. (CONY, 2003, p.100)[4]

Para se ter ideia da popularidade de Humberto de Campos, por ocasião do falecimento do autor, o político Pedro Queli, em nome da Comissão de Educação e Cultura de 1934, declarou:

> Assim se foi compondo a sua reputação literária, [...] era deslumbrante pela opulência verbal e pela redimia do gosto, cujas raízes se estendiam pelo velho patrimônio da cultura humanística e do senso clássico. Mas o amor a sua obra, a correspondência emotiva entre seu pensamento e a obra brasileira, realizou-se recentemente quando o escritor atingiu a forma definitiva e deixou entrever em sua dilatada série de crônicas, a doçura singular do seu temperamento, a simpatia generosa do seu caráter. Uma capacidade inexcedível de compreender e apreciar os dramas íntimos e aspectos doloridos à sociedade do seu tempo, até a cristalização do estilo e a definição de uma beleza interior e efetiva, nas páginas modelares de memórias. Livro único no gênero, um dos mais notáveis de nossa prosa e todas as épocas". (QUELI, apud CORREIO DA MANHÃ, 1934, p.15)

Muitos outros representantes fizeram questão de se manifestar pelo precoce falecimento de Humberto de Campos. Godofredo Viana, emissário do Maranhão, disse que os louvores a Campos são supérfluos, perante a grandiosidade da sua obra:

[4] Entrevista concedida por Carlos Heitor Cony à autora deste trabalho, em 2003, na Universidade de Passo Fundo, para a monografia intitulada "Crônica: o diálogo entre Literatura e Jornalismo".

> Os elogios ao estilista admirável das memórias são supérfluos, vasta, imensa e luminosa a sua obra, recuidada nos últimos tempos pelo sofrimento atroz que cominava a ele e que certamente convertia numa serenidade quase divina em períodos de ouro, enriquecendo a língua e a literatura brasileira. O escorreito da sua linguagem, a profundeza de sua cultura, o ativismo de seu estilo, a variedade prodigiosa dos assuntos que versava, tudo conjugado a uma simplicidade de arte acessível a todas as inteligências; tornaram incontestavelmente um dos escritores mais notáveis da língua portuguesa. (VIANA, apud CORREIO DA MANHÃ, 1934, p.15)

O talento de Campos foi apressado pela hipertrofia da hipófise, doença progressiva diagnosticada em 1928, que o levaria à morte em 05 de dezembro de 1934. Neste dia, o biógrafo de Campos, Macário de Lemos Picanço, resumiu a vida e a obra do autor da seguinte maneira: "Poeta, anedotista, contista, ensaísta, cronista, autobiografista, a obra literária de Humberto de Campos apresenta altos e baixos, mas o que é alto tem a claridade da luz e a simplicidade das almas sãs" (PICANÇO, 1934, s/p). No dia 6 de dezembro, o jornal *Correio da Manhã*, periódico em que o jornalista escreveu, assim definiu a sua morte para o Brasil:

> Homem de uma sensibilidade delicadíssima, de uma percepção profunda das coisas, sabendo manifestar os pensamentos com requinte e sutileza. Ninguém no Brasil escreveu até hoje melhor do que ele; com mais brilho nem maior emoção. Poeta e escritor, jornalista de mão diurna e noturna, trabalho profissional. Sua obra aí está como monumento que honra as letras brasileiras de todos os tempos. Morto, Humberto de Campos é um grande vácuo que se abre nas fileiras da inteligência nacional. (CORREIO DA MANHÃ, 1934, p.15)

Na mesma edição do jornal em que Picanço escreveu – que dedicou duas páginas à morte de Humberto de Campos, outro amigo do escritor, Costa Rego, publicou o seguinte depoimento:

> Humberto de Campos lega-nos uma obra superior a dos seus livros: a resignação em face do irremediável, em face do irremediável temperada pela energia com que trabalhou até que se lhe fosse pelo esôfago a dentro a última gota amarga da existência, a única e verdadeira da literatura ele a teve. Chegou a ser extremamente grande sendo extremamente sofredor. (REGO, apud CORREIO DA MANHÃ, 1934, p. 15)

Muitos livros escritos por Humberto de Campos foram lançados postumamente: *Um sonho de pobre*, memórias (1935); *Destinos*, textos variados (1935); *Lagartas e libélulas*, textos variados (1935); *Memórias inacabadas*, memórias (1935); *Notas de um diarista*, dois tomos, memórias (1935 e 1936); *Reminiscências*, memórias (1935); *Sepultando os meus mortos*, memórias (1935); *Últimas crônicas* (1936); *Perfis*, dois tomos, biografia (1936); *Contrastes*, textos variados (1936); *Gansos do Capitólio*, contos (1943); *Fatos e feitos*, textos variados (1949); e *Diário secreto*, memórias, em dois volumes (1954).

> O autor inspirava-se na Antigüidade Clássica para escrever. Desde adolescente, sua cultura geral era composta por Péricles de Atenas, Horácio de Roma, Firdusi da Pérsia e pelas lendas árabes. Era através deste passado que Campos produzia seus textos, mesclando, em suas crônicas, o mundo mágico da poesia e os aspectos da realidade. De um modo geral, todos os escritos de Humberto de Campos traziam características da Antigüidade Clássica. Costumava citar escritores em latim, sem oferecer ao leitor a tradução dos referidos textos. (SCHEIBE, 2008, p.50)

Humberto de Campos foi um autor à frente de seu tempo. Nas crônicas, contos, ensaios e versos de Campos, percebe-se, às vezes, o julgamento de um autor moralista e sentimental, e, em outras, de um escritor contemporâneo, com ideias progressistas, que habitava numa sociedade recentemente saída da economia centrada na mão-de-obra escrava, habituava-se aos tumultos da Revolução de 1930 e arraigava-se na urbanização. Proliferavam, então, os meios de comunicação, principalmente os jornais. O número de leitores era pequeno, mas destacava-se o público feminino (REIS; CARVALHO; SOUZA; 1986, p. 42).

As diversas faces de Humberto de Campos

Como poeta, contista e crítico literário Campos foi lírico e ácido. Suas obras estão voltadas para a agonia do povo; a ponderação da psicologia do ser; as fantasias de amor; a ansiedade do espírito e do homem que procura a si mesmo. No que diz respeito à sua poesia, “é na selvageria da Amazônia, através do contato com a natureza, que o autor encontra a essência de seus versos: a paisagem do local, as lendas, os animais, a terra e o que há de enigmático e ameaçador” (SCHEIBE, 2008, p.58).

Segundo Ferreira (1990, p. 235), outra estudiosa da obra de Campos, o conto é o ponto fraco de Humberto de Campos. De acordo com a ensaísta, faltam-lhes sarcasmo, ironia, fantasia. O que o escritor apresenta na crônica falta-lhe no conto. É necessário ressaltar que os contos do autor transitam entre o estilo oriental, marcado pelo luxo e a finalidade ética, e o estilo ocidental, assinalado pelos conceitos psicológicos, pela representação do ambiente e dos tipos sociais.

Praticamente todos os textos de Campos foram primeiramente publicados em jornais para depois serem republicados em livros. O autor incorporou às características do jornalismo - a brevidade e a instantaneidade dos acontecimentos - à produção literária. No livro *A Crônica e seus diferentes estilos em Humberto de Campos*, a autora deste artigo em questão enfatiza que Campos atingiu a fama na primeira metade do século XX. Encantava leitores, criticava os poderosos da sociedade, fazia piada com fatos corriqueiros e poesia com situações coloquiais. Suas crônicas eram marcadas pela simplicidade e, ao mesmo tempo, pela erudição, esta inspirada na Antigüidade Clássica. Perpetuou seu nome fazendo-se entender pelos ricos e pobres, pelos intelectuais e leitores comuns, através do lirismo e do sarcasmo de seus textos. Com relação às temáticas que interessavam ao autor encontram-se os fatos do cotidiano analisados por ele. Suas temáticas estavam voltadas para as situações pitorescas do cotidiano, mas que podem ser pequenas grandes tragédias humanas, como a traição do marido, os problemas no casamento, os relacionamentos com a família e as ações políticas e sociais da comunidade (SCHEIBE, 2008).

A linguagem das crônicas de Campos eram tecidas com uma linguagem refinada e a Língua Portuguesa em sua forma culta, embora também utilizasse o discurso coloquial. O autor usava-se de um fato real e o esmiuçava, enfatizando uma opinião irônica com um tom conselheiro ou zombeteiro. O autor valia-se do humor em suas crônicas, que traziam, na maioria das vezes, uma linguagem metafórica, com o “eu” do cronista. Suas construções textuais mostravam suas opiniões político-partidárias e, paralelamente, falavam de sentimentalismos, sofrimentos e tristezas. Ele chegou a comentar sobre o porquê de escrever sobre sua própria vida nas crônicas diárias:

> Os chronistas, que podem lêr, têm, diante de si, quatro mil annos de actividade humana, e, com elles, dramas, tragédias espantosas, comédias pittorescas, para thema da sua palestra obrigatória com o público. Se não querem entrar em contacto com o passado, têm o presente. Metem-se em um automóvel, em um bonde, e vão à cidade, ao seio mesmo da multidão tumultuosa, colher o assumpto quotidiano, como o lavrador vae à roça, cada dia, colher a espiga de milho para o mingau familiar. No dia seguinte, o público leva a espiga... Que deve fazer, porém, aquelle que, tendo compromissos igualmente sagrados, não se move, nem pode lêr? Isto, apenas: mergulhar nos abysmos da sua própria memória e trazer à tona, à superfície, à claridade da sua candeia, os fantasmas que dormem lá dentro. Os chronistas immobilizados pela doença, e dos olhos incapacitados para a leitura, assemelham-se dessa maneira, aos magos antigos e aos bruxos medievais: Trabalham com as sombras. O seu gabinete é a furna de Tirésias. A sua pena, ou a sua máquina, a vara de Merlino. (CAMPOS apud PICANÇO, 1937, p. 288)

Um detalhe extremamente interessante na obra de Humberto de Campos é que ele era um escritor que respondia às cartas enviadas pelos leitores em seus textos no jornal. Em muitos casos ele se apresentava como uma espécie de mártir do povo. As cartas dos leitores eram submetidas ao seu próprio julgamento. Por meio das respostas, o autor dava conselhos e ainda solicitava a fundação de hospitais; pedia pão aos que não tinham o que comer, cobertores aos que tinham frio, albergues para as pessoas que precisassem de ajuda. Ao longo dos seus textos, sempre se achava no direito de aconselhar seus leitores, especialmente se fossem mulheres:

> Recomponha a sua vida, minha distinta amiga... Vá aos Estados Unidos, vá ao Uruguai; vá a qualquer país divorcista da Europa, e volte com o seu novo marido, uma vez que o primeiro conforme é notório, abandonou o próprio filho... Tenha coragem, e erga o seu rosto diante de toda gente... Prefira afrontar o mundo, servindo à sua consciência, a afrontar a sua consciência para ser agradável ao mundo! Não é esse, certamente, o regime vulgarmente adotado. A falta de uma legislação que permita às senhoras desquitadas ainda jovens a constituição de um novo lar, é um incentivo às ligações clandestinas, que humilham a mulher e lhe não satisfazem o coração... seja feliz, não se preocupe com os falsos escrúpulos dos devotos da mentira social... (CAMPOS, 1947, p. 242-244)

E foi com o Conselheiro XX que Humberto de Campos atingiu pleno êxito. Seus textos eram comentados nas ruas pelos leitores. A maioria dos consumidores de jornais não imaginavam que era Humberto de Campos que estava por trás do Conselheiro XX, que se consolidava como um cronista que não perdoava nada nem ninguém; era ácido nos textos. O que chama a atenção é que a figura do Conselheiro XX, quase que de forma unânime, é

considerada obscena. Depois que foi descoberto quem estava por trás do pseudônimo, foi rotulado como um pornográfico. Conforme depoimento de Aura Gomes de Almeida, entrevistada na tese *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leituras*, concedida à Fabiane Verardi Burlamaque em 06/10/1998:

> Eu me lembro do primeiro livro impróprio que eu li, era um livro de poesias e que tinha uns versos um pouco impróprios era do Manuel Bandeira. Também li outro autor, Humberto de Campos, que aliás era tido como maldito, inadequado para as moças, pois ele, assim como o Manuel Bandeira, era considerado imoral. (IN: SCHEIBE, 2008, p.54)

O biógrafo do autor, Picanço, defende-o: "é certo que nele o que é imoral é imoral de fato, e, quando o querem julgar, não lhe separam o que é bom do que é mau, deixando misturados o joio e o trigo" (PICANÇO, 1937, p.242). O crítico Jackson Figueiredo não se conformava com o fato de "até mocinhas, botões prontos para desabrochar em flores, procurarem o Conselheiro XX, para lê-lo às escondidas, com um gozo no espírito e um temor no coração" (PICANÇO, 1937, p.244). Ainda de acordo com Picanço, o intuito do Conselheiro XX era distrair a sociedade e mostrar os pecados do cotidiano. Através desse pseudônimo, seu autor produziu uma literatura classificada como "fescenina", e alguns escritores e críticos contemporâneos o tachavam de depravado, impudico, detestado e arrogante, isto porque, na época, os textos desrespeitavam a moral religiosa e ética da família brasileira. Múcio Leão, estudioso das obras de Humberto de Campos, afirma que as acusações dos críticos não são justas:

> eu não acho que essas acusações sejam justas. Segundo entendo, não existe literatura imoral. A literatura é, sempre e apenas, o espelho das sociedades que a produzem. No caso de Humberto de Campos, imoral não seria o Conselheiro XX – seria a sociedade que produzia, que exigia que se produzisse, o Conselheiro XX [...] a sociedade, cujo espírito aquela literatura refletia. (LEÃO 1937, p. 111-112)

Humberto de Campos usou-se do Conselheiro XX de maneira inteligente e consciente. Foi um modo de – através da ferocidade, crítica, humor e ironia - atrair a atenção da sociedade carioca e brasileira para as questões sociais, econômicas e políticas do Brasil e também, diga-se de passagem, para conquistar a curiosidade dos leitores para a sua

obra. Todas as crônicas do Conselheiro XX, cuja autoria, a princípio, Campos negou, foram publicadas na imprensa da época e, depois, agrupadas em mais de dez livros, que, provavelmente, ainda hoje, seriam lidos com certa resguarda pelos leitores conservadores.

Campos sustentava a sua família com os textos publicados nos jornais diários, fossem eles escritos com o seu nome – nas crônicas mais líricas e sentimentais – ou com os seus pseudônimos – nas crônicas tecidas com ferocidade , crítica e humor. É necessário reiterar que somente nas décadas de 1920 e 1930 os periódicos brasileiros começaram a remunerar os seus colunistas. Até então, os cronistas e comentaristas eram considerados somente colaboradores dos jornais.

Desta forma, este artigo procurou resgatar a memória de Humberto de Campos, um dos cronistas mais lidos no Brasil do século XX e que hoje tem a sua biografia praticamente ignorada pela história da crônica nacional. Foi um cronista detalhista e inovador em todos os sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Humberto. **Diário Secreto**. Rio de Janeiro: Jackson, 1954. 2v. II.

_____. **Crítica.** Rio de Janeiro: Jackson, 1947. 21v. II Série.

CONY, Carlos Heitor. A escrava do tempo e seu adorador. In: SCHEIBE, Roberta. **O diálogo entre literatura e jornalismo**. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Passo Fundo, 2003.

CORREIO DA MANHÃ. **Humberto de Campos** – O que representa para o país a perda dessa grande figura das letras brasileiras. Rio de Janeiro, ed. 06/jan/1934.

FERREIRA, Nélia do Nascimento. **A intertextualidade nas crônicas de Humberto de Campos (1910-1934).** Porto Alegre: PUC, 1990.

LEÃO, Múcio. **Publicações da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1959.

PINCANÇO, Macário de Lemos. **Humberto de Campos**. Rio de Janeiro: Minerva, 1937.

_____. **http://www.secrel.com.br/jpoesia/hca.html**; acesso em 04/nov/2004.

REIS, Roberto; CARVALHO, Lúcia Helena; SOUZA, Roberto Acízelo. **O miolo e o pão**. Niterói: Editora Universitária Fluminense, 1986.

SCHEIBE, Roberta. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto De Campos**. Imperatriz: Ética, 2008.